



GT 77. Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade

Coordenador(es):

Carlos Benedito Rodrigues da Silva (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

João Batista de Jesus Felix (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Socialização e discussão de pesquisas concluídas ou em andamento, enfocando a música e ritmos como elementos de mobilização coletiva, e definição de linguagens e códigos de comunicação: enfoques sobre construção de performances e linguagens corporais entre grupos de juventude nas diversas regiões brasileiras ou mesmo em outros países, a partir das tendências rítmicas veiculadas pelos sistemas midiáticos. Estamos diante um fenômeno bastante interessante, pois, é cada vez maior as expressões artísticas, que eram assumidas como simplesmente formas de lazer, serem assumidas como formas de se expor posições políticas. A arte sempre foi vista como muito perigosa, principalmente pelos governos autoritários, mas ela era entendida como uma extensão, uma maneira a mais dos órgãos especializados em políticas (Partidos Políticos principalmente) tinham para demonstrar suas posições. Atualmente existem vários trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a música, a dança, o cinema, o teatro, têm uma grande autonomia política. Nossa intenção, com instituição deste GT, é dar espaço para conhecermos pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional ou estrangeiros, sobre formas de se construir identidades através da música, da dança e do lazer.

Trocas simbólicas, conexões e territorialidades no sul do Brasil: uma etnografia da resistência punk entre Porto Alegre e Curitiba

Autoria: Tatiana de Oliveira (Governo Estado Bahia)

Com algumas bandas brasileiras comemorando seu quadragésimo aniversário, a cultura punk persiste tanto nos grandes centros quanto em cidades menores, sendo vivenciada por múltiplos atores. A constante ressignificação do punk desde o início dos anos 80 tem propiciado diferentes concepções e formas de ação e organização. Enquanto algumas pessoas que produzem e participam dos eventos são simpatizantes do movimento, outras têm no punk o seu meio e modo de vida, e nele encontram sua estratégia de sobrevivência, resistência e visibilidade. Para perceber como as formas do 'faça você mesmo' têm sido empregadas pelos punks nas cidades de Curitiba e Porto Alegre, realizei uma etnografia com observação participante, entrevistas e pesquisa documental. A partir disto, pretendi também relacionar o processo de construção coletiva com a própria sobrevivência tanto das pessoas quanto do movimento, evidenciando formas simbólicas de circulação de riquezas nas formações das bandas, gigs, fanzines e ocupações. Apontei ainda questões de mobilidade, precarização do work e gênero que parecem desenhar a maneira como se tem vivido o punk nestas localidades. Embora contatos e vivências preliminares tenham propiciado uma aproximação do tema, considero que o início efetivo do work de campo se deu em maio de 2019 no show da banda finlandesa Rattus na cidade de Curitiba, e em outubro de 2019 na gig das bandas Discrença e Besthoven, em Sapucaia do Sul (região metropolitana de Porto Alegre). Nas duas ocasiões, bem como em muitos shows onde bandas punks de nome consolidado na cena, foi possível notar que parece haver um código de elegibilidade diretamente ligado à percepção, pelos punks, de quem é 'punk real' ou quem circula pela cena mas adota alguns valores que eles combatem. Este campos de disputa, entre 'verdadeiros' e 'falsos?', entre quem frequenta a cena e quem faz a cena, está presente em várias manifestações do underground, não sendo exclusividade do punk. Longe de ser uma dicotomia que condiciona este work, é um tensionamento para o qual nos interessa olhar para compreender algumas das questões propostas. A própria definição de quem é ou não punk cria um binarismo onde 'os outros' seriam os punks, cujos saberes e



fazerem são minimizados por grupos distintos que promovem ou participam de eventos nos quais os punks tocam ou são público. A partir deste estereótipo, são formadas falas de desumanização, não levando em conta sua mobilidade geográfica, organização, work, relação com materiais das bandas e trajetórias pessoais e coletivas. O work ainda está em andamento e será tema de minha monografia, que além de apresentar a etnografia, a relacionará com algumas questões teóricas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: